

fascículo no todo - NRB 210987-0

i-sab

**5** ANO 3  
NÚMERO 5  
JULHO 1997  
REVISTA  
TEMÁTICA

ISSN 0104-7183

# Horizontes Antropológicos

## DIFERENÇAS CULTURAIS

NÚMERO ORGANIZADO POR  
Ruben George Oliven

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 309, julho de 1997

do sagrado e do profano convivem lado a lado, disputando e negociando espaços, rituais e versões da história, tornando o santuário um *espaço inerentemente polifônico*. É também isso que faz com que tais formas de devoção jamais constituam “sobrevivências” de qualquer passado, mas, através de cada uma de suas partes e de seus personagens, estejam permanentemente inundadas de atualidade. Daí que a romaria deva ser vista “como um fenômeno que é *reinventado* em diferentes momentos por seus diversos agentes”, garantindo ao mesmo tempo a ligação com a *tradição* e o diálogo com a *modernidade* em suas várias facetas.

Evidentemente, o trabalho não se esgota na análise dessas três perspectivas, mas abre caminhos para projetar novas investigações e repensar a literatura já existente. Seu significado foi bem captado pelos apresentadores do livro, dois dos mais importantes antropólogos no Brasil. Enquanto para Otávio Velho, o autor foi capaz de discutir “algumas questões cruciais dos debates contemporâneos, em geral postos em forma de antinomias: oralidade e escrita; instituição eclesiástica e religiosidade; tradição e modernidade”, segundo Pierre Sanchis soube analisar o fenômeno da romaria “tomando distância sem perder uma familiaridade lúcida”.

LÉVI-STRAUSS, Claude: *Tristes trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, 400 pp.

**Carlos Alberto Steil**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil**

Lévi-Strauss, aos 88 anos de idade, é o testemunho vivo de uma geração de grandes pensadores franceses que marcaram profundamente a história das idéias no Ocidente. Uma geração que contou com Jean-Paul Sartre, Fernand Braudel, Roland Barthes, Louis Althusser, Jacques Lacan, Jean-Luc Godard partícipes de um momento singular, protagonizado pela Paris no século XX.

Com o século que chega ao seu ocaso, estamos assistindo hoje ao esgarçamento de um sistema de valores que deu substância à literatura, ao teatro, ao cinema, à psicanálise e às ciências humanas. Já não conseguimos reconhecer como familiar a densidade da “*nouvelle vague*”, o culto à angústia existencial, a celebração do implícito, a busca sofrida de um sentido usurpado pela superficialidade da vida comum. A “*nouvelle cuisine*” já não dita o ideal do bem comer. Da comida oriental ao fast food, cada opção reivindica seu próprio charme.

O lançamento de *Tristes trópicos* no Brasil pela Companhia das Letras, 41 anos após sua publicação na França (a primeira edição é de 1955), representa sobretudo uma homenagem a Lévi-Strauss e a seu tempo. Com uma certa nostalgia, a leitura de *Tristes trópicos* proporciona o prazer de visitar a densidade de um texto que nos desloca para dentro de uma “*cena noir*” em pleno contexto contemporâneo de acentuada fragmentação.

*Tristes trópicos* é muito mais do que um tratado de antropologia. Sua prosa poética, melancólica e irônica permite situar Lévi-Strauss na tradição literária dos grandes mestres franceses como Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud e Proust. A beleza narrativa destas páginas não apenas garantiu ao seu autor um assento na Academia Francesa de Letras, como também o projetou para além das fronteiras das ciências humanas.

A diversidade de interesses suscitados é a contraface do caráter múltiplo do texto. Como bem destacou Gertz pode-se ler *Tristes trópicos* como uma obra que mescla vários livros: um livro de viagem,

uma etnografia, um discurso filosófico e mesmo um panfleto reformista. Justapostos como quadros numa exposição esses vários livros convidam o leitor a compartilhar com o autor a singularidade de suas aventuras pelos trópicos. E mais do que o novo mundo, o que se desvela é a novidade de uma teoria que pretende alcançar os fundamentos da sociedade humana.

No seu conjunto *Tristes trópicos* narra a trajetória de seu autor em busca do Outro. Abandonando suas referências familiares parte para uma viagem, plena de aventuras, em direção a um outro mundo. Na sua rota está tanto o Brasil da São Paulo provinciana dos anos 30, onde chegou como jovem etnólogo para trabalhar na implantação da USP; quanto o Sertão, por onde excursionou alguns anos depois em busca do mundo perdido dos Bororo, Cadiueu, Nambiquara.

Tomando a trilha do livro de viagens, vamos encontrar um Lévi-Stauss que paradoxalmente “odeia as viagens e os exploradores” assim como esse “gênero de relato”, cuja grande aceitação considera “deplorável”. No entanto, por sua atitude e estilo conecta irremediavelmente *Tristes trópicos* à literatura francesa de viagem, contra a qual está supostamente se posicionando. O viajante atento a tudo que está a sua volta e constantemente provado pelos obstáculos da jornada, é a uma imagem presente em todo o livro. Ao leitor resta a provocação subliminar: você não gostaria de ter estado ali comigo e fazer o mesmo?

Sem abandonar a perspectiva do viajante, o olhar etnográfico também perpassa todo o texto. Ao mesmo tempo que tenta sistematizar em sua etnografia os costumes particulares dos “povos sem história”, também alimenta a mística do trabalho de campo, onde o enólogo ocupa um lugar muito especial. Para o autor a etnografia constitui “uma das raras vocações autênticas que se pode descobrir em si mesmo sem que lhe tenham ensinado”.

A imersão no mistério que ronda os limites das culturas e das linguagens humanas evidencia um texto filosófico. A pergunta pelos fundamentos da sociedade humana é outro fio que tece a trama da narrativa levi-straussiana. Seu encontro com as sociedades indígenas brasileiras também se dá no contexto de uma discussão filosófica com Freud, Rousseau e Hume sobre o que funda a organização social. Segundo suas próprias palavras vai “até o fim do mundo a procura do

que Rousseau chama os progressos quase incensíveis dos começos”.

Por fim, fala em *Tristes trópicos*, um Lévi-Strauss em continuidade com uma tendência reformista dos séculos XIX e XX, que reage contra a expansão da civilização industrial moderna e as consequências nefastas do progresso sobre as sociedades do Terceiro Mundo. Por isso os trópicos são tristes.